UMA ANÁLISE DAS IMAGENS DE DEVIR NA OBRA DE VIVIANE MOSÉ

AN ANALYSIS OF BECOMING IMAGES IN THE WORK OF VIVIANE MOSÉ

Lorena Lima KALID[1]

RESUMO: O artigo realiza reflexões sobre os principais elementos filosóficos que emergem na obra de Viviane Mosé, sobretudo por meio das imagens de devir presentes em sua poesia, em cotejo com seu discurso teórico. As bases teóricas para o diálogo proposto serão: o projeto de afirmação da vida em devir, elaborado por Friedrich Nietzsche e retomado por Mosé, bem como as concepções de linguagem presentes nas obras dos dois autores.
PALAVRAS-CHAVE: Viviane Mosé. Afirmação da vida em devir. Nietzsche. Linguagem poética.

ABSTRACT: The article analyses some philosophical elements that emerge in the work of Viviane Mosé, especially through images of becoming present in her poetry, in comparison with its theoretical discourse. The theoretical basis for the proposed dialogue will be the life-affirming project in becoming, included in the idea of Friedrich Nietzsche´s concept of "tragic thought" and resumed by Mosé as well as the concepts of language in the works of both authors.
KEYWORDS: Viviane Mosé. Affirmation of a series of transformations. Nietzsche. Poetic language.

1.1 Procuro o cheiro dos nomes que se perdeu[2]

> Os olhos comem coisas
> Que a boca cospe como sílabas
> Meus olhos são bocas que não mastigam.
> (MOSÉ, 2007, p. 65)

O que deseja o discurso de Viviane Mosé?

Quiséssemos tomá-lo pelas ideias de Nietzsche (a quem a autora devota assumida admiração), a resposta enveredaria por tons de sobriedade e angústia. Seu pensamento assume, no entanto, otimismo de contornos pedagógicos nítidos e um tanto surpreendente, sobretudo frente ao relativismo esmagador desta transição de tempos – sem a presença, contudo, das agruras do conturbado século XIX. Se, há mais de cem anos, seu mestre não esperava ouvidos e mãos para suas verdades[3], Mosé, nitidamente à

---

[1] Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras. CEP: 40170-290, Salvador, BA, Brasil. E-mail: lorenakalid@gmail.com. Bolsista da CAPES.
[2] "Magnólia é o nome do sabonete que ficou / em mim sem cheiro. / Procuro o cheiro dos nomes que se perdeu" (MOSÉ, 2006b, p. 16).
[3] "Mas, para mim, seria uma contradição total, se eu esperasse, já hoje, ouvidos e mãos para as minhas verdades [...] Por fim, ninguém das coisas que os livros incluem pode ouvir mais do que já sabe. Para

vontade com seu tempo, parece saber atrair olhares e línguas.

Não nos pretende ensinar a *entender*, nos moldes racionais habituais, a poeta filósofa. Ao retomar, em seus livros teóricos, a crítica nietzschiana da moral, da ciência e da linguagem, os discursos de Mosé dedicam-se a destronar a lógica racional que sustenta tais ficções. Por tal motivo, sua obra anseia por uma nova relação com o conhecimento, por meio da palavra.

O poema abaixo integra o livro homônimo *Toda palavra* (2006b), cujo título antecipa o tema em torno do qual se constrói o discurso poético de Mosé.

Toda Palavra

Procuro uma palavra que me salve.
Pode ser uma palavra verbo,
uma palavra vespa, uma palavra casta.
Pode ser uma palavra dura, sem carinho.
Ou palavra muda,
molhada de suor no esforço da terra não lavrada.
Não ligo se ela vem suja, mal lavada.
Procuro uma coisa qualquer que saia soada do nada.
Eu imploro pelos verbos que tanto humilhei
e reconsidero minha posição em relação aos adjetivos.
Penso em quanta fadiga me dava
o excesso de frases desalinhadas em meu ouvido.
Hoje imploro uma fala escrita,
não pode ser cantada.
Preciso de uma palavra letra
grifada grafia no papel.
Uma palavra como um porto, um mar, um prado,
um campo minado, um contorno.
Carrossel cavalo pente quebrado véu
mariscos muralhas manivelas navalhas.
Eu preciso do escarcéu soletrado.
Preciso daquilo que havia negado.
E mesmo tendo medo de algumas palavras,
preciso da palavra medo como preciso da palavra morte,
que é uma palavra triste.
Toda palavra deve ser anunciada e ouvida.
Nunca mais o desprezo por coisas mal ditas.
Toda palavra é bem dita e bem-vinda.
(MOSÉ, 2006b, p. 17)

As novas possibilidades de uma “palavra vespa”, “casta”, “não lavrada”, que saia “soada do nada”, para salvar a humanidade do nada, unem na poesia de Mosé dois

---

aquilo a que, por vivência, não se tem acesso algum, também não se têm ouvido”. (NIETZSCHE, 2008, p. 43-44).

aspectos aparentemente contrapostos: a linguagem – marco inaugurador do que se entende por cultura – e o mundo animal, do qual o homem acredita distinguir-se. A aproximação entre “palavra verbo” e “palavra vespa” fornece uma perspectiva contestadora da polaridade usual entre cultura e animalidade. Aproximações como essa permeiam com espontaneidade a poesia de Mosé e serão o ponto de partida para discutirmos dualismos tradicionais.

Por que haveria de nos salvar uma tal palavra inseto? E o que seria esse nada que nos aflige?

A obra teórica de Viviane Mosé orienta-se pela crítica contumaz de Nietzsche à negação do devir realizada por toda a filosofia ocidental – sobretudo desde Sócrates e Platão; devir entendido como o movimento incessante de todas as coisas. Esta negação, realizada através da crença em ficções de ordem e estabilidade, corresponderia a negar a própria vida, uma vez que a única realidade existente é o resultado de lutas entre vontades de potências. Um caminho apontado pela autora, contra a atitude niilista do homem, é denunciar “o caráter ficcional e estético de todo conceito” e pensar a linguagem (ou o presente modelo de linguagem) como “matriz do niilismo” (MOSÉ, 2011a, p. 16-19).

O nascimento da linguagem foi, para Nietzsche, a maneira que o homem encontrou para, unindo-se a seus semelhantes, sobreviver às lutas da natureza. O intelecto, nesse sentido, funcionou como os “chifres ou presas aguçadas” do animal-homem na sua conservação, um “disfarce”. A palavra – por ele caracterizada como “figuração de um estímulo nervoso em sons” – foi o instrumento pelo qual o intelecto fundou essa ficção, desdobrada em moral, erguendo um mundo à parte do mundo real, “efetivo” (NIETZSCHE, 2014, p. 62).

> Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova (NIETZSCHE, 2014, p. 64).

A imagem, transposição de um estímulo nervoso, seria a primeira metáfora, a partir da qual o homem engendrou a linguagem. Esse estímulo nervoso, por sua vez, depende da experiência do homem com o “efetivo” (a natureza, o exterior), uma experiência profundamente marcada pela subjetividade. Em nada, portanto, essa

transposição esclarece acerca da “essência” das coisas, como se julgou ao longo da história humana.

O grande problema, para Nietzsche, é que o homem esqueceu-se da origem metafórica da palavra: a metáfora apagou-se e, em seu lugar, restaram apenas os conceitos, “resíduos de metáfora”. Nesses resíduos o homem acreditou residir a “verdade”, ideia criada para abrigar o mundo ordenado e perfeito das ideias, em oposição à experiência com o devir; e a uma criação humana foi atribuído um valor humano, sob a égide do divino: a verdade (NIETZSCHE, 2014, p. 67).

> Que delimitações arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma coisa!
> [...]
> A desconsideração do individual e efetivo nos dá o conceito, assim como nos dá também a forma, enquanto que a natureza não conhece formas nem conceitos, portanto também não conhece espécies, mas somente um X, para nós inacessível e indefinível. (NIETZSCHE, 2014, p. 64-66).

A linguagem em Nietzsche consiste, assim, na tentativa de simplificar o “efetivo” incapturável; uma invenção para fixar minimamente a transitoriedade insuportável do mundo. Em cada nomeação, um tanto de “efetivo” fatalmente fica de fora.

Nietzsche não se volta contra as invenções; entende que o homem, por saber-se finito, necessita de ficções que ordenem em alguma medida a insuportabilidade do devir. A razão e a linguagem não são, assim, problemas em si mesmos. Nietzsche atribui ao modelo específico de racionalidade estabelecido, principalmente, a partir de Sócrates e Platão o infortúnio pela ampliação da ficção, com objetivo de negar completamente o “efetivo”, ou seja, negar a experiência com o exterior. O filósofo questiona a própria existência de um exterior completamente apartado do interior, e define (“II consideração intempestiva”) o homem de seu tempo, o decadente:

> Esfacelado e decomposto, cindido de maneira quase mecânica num interior e num exterior, demasiadamente saturado de conceitos que, como os dentes de um dragão, dão surgimento a outros conceitos-dragões, sofrendo além disso da doença das palavras e cheio de desconfiança quanto aos próprios sentimentos, enquanto não tiverem ainda recebido uma denominação aceita, como numa fábrica de palavras e de conceitos, privada de vida [...] (NIETZSCHE, 2005, p. 171)

A genealogia da linguagem – entendida como a denúncia do jogo niilista da linguagem – é, nesse sentido, um pensar sobre as "desconsiderações" realizadas na edificação da trama conceitual ao longo da história. Se a "capacidade de criar e articular palavras e pensamentos" é o aspecto que instaura a cultura, somente a partir da crítica da linguagem – e da crítica da crença na correspondência entre palavras e coisas – torna-se possível realizar uma eficaz crítica aos pilares da cultura, à moral (MOSÉ, 2011b, p. 111-112).

O desafio sobre-humano enfrentado por Nietzsche[4] coloca-se outra vez: a crítica à linguagem – desdobrada em critica à moral – constrói-se paralelamente ao elogio da linguagem. A palavra, tida como o martelo[5] que esculpiu o sujeito cartesiano[6] e seus "conceitos-dragões" é também o instrumento contra a prisão do sujeito, contra a ideia de verdade, de identidade, de causalidade. O poder destruidor do martelo associa-se a seu poder criador, capaz de esculpir um novo homem, diverso do que hoje existe.

A dupla função da palavra-martelo é o mote do discurso de Mosé. Os trechos abaixo, retirados de seu livro teórico *Nietzsche e a grande política da linguagem*, fornecem uma imagem interessante sobre o retorno à metáfora:

> O signo é apenas uma disposição, uma abertura, uma moldura vazada, capaz de configurar uma diversidade de possibilidades, uma luta. Este é o aspecto afirmativo do signo: a afirmação de sua impossibilidade; ou seja, o signo destituído de identidade e verdade pode ser um signo afirmativo (MOSÉ, 2011a, p. 53).

A imagem da "moldura vazada" representa o privilégio dado à linguagem poética na obra de Mosé, por ser capaz de promover a desejável ruptura criativa. A interpretação de Mosé para a concepção nietzschiana de linguagem é permeada pela ideia de redenção da linguagem pela arte. Enquanto a linguagem é, desde sua origem, limitadora da pluralidade e do movimento inerentes à vida (ou o "primeiro outro mundo" inventado pelo homem), "a partir de sua vinculação com a arte" ela "encontra sua positividade" (MOSÉ, 2011a, p. 190).

---

[4] "Antes de mim, não se sabe do que é capaz a língua alemã – do que em geral é capaz a linguagem. – A arte do grande ritmo, o grande estilo do discurso para exprimir os altos e baixos temíveis da paixão sublime, sobre-humana, só por mim foi descoberta; com um ditirambo, como o do terceiro Zaratustra, com o título de 'Os sete selos', voei milhares de milhas acima do que até hoje se chamou poesia." (NIETZSCHE, 2008, p. 48-49)

[5] "Uma tarefa dionisíaca tem, de modo decisivo, como condições prévias a dureza do martelo e o próprio prazer da destruição." (NIETZSCHE, 2008, p. 87)

[6] Mosé refere-se ao sujeito cartesiano como "produto de um hábito gramatical" (MOSÉ, 2011a, p. 24).

A palavra poética para Mosé é, portanto, o local em que a realidade do devir consegue minimamente revelar-se, ainda que no mundo ficcional da linguagem e ainda que de passagem. Ao assumir-se como ficção, a linguagem poética torna-se menos enganadora que a pretensa verdade da linguagem conceitual. Essa abertura da "moldura vazada" realiza uma apreensão provisória da multiplicidade; consegue traduzir, ainda que por fixação provisória, a luta entre as diversas vontades de potência por dominação. A "palavra vespa" contraposta ao "conceito-dragão".

O discurso de Mosé tem por caminho, portanto, "desautorizar" um modelo de palavra – o modelo restritivo em que cremos corresponderem palavras e coisas – e requisitar uma alternativa que reestabeleça a relação entre razão e experiência. Suas não raras aparições nos canais midiáticos imbuem-se de uma espécie de projeto: apurar as *vistas* contemporâneas para que sejam capazes de sorver o mundo em intensa transformação. É necessário que o homem afirme sua experiência com o devir – com a luta entre vontades de potência.

A dificuldade reside no fato de a experiência com o devir consistir, a todo o momento, em uma relação de rupturas, mudanças, mortes. O *homo sapiens*, ou *O homem que sabe* – título de um dos livros teóricos de Mosé (2011b) – é justamente o animal que passou a *saber* da morte; é essa consciência, insuportável de ser admitida plenamente, que instaura a necessidade de uma abstração.

É importante notar que Nietzsche e Mosé não se ressentem[7] do intelecto humano; ao contrário, eis um extraordinário presente da natureza, considerado por Nietzsche essencial para o surgimento do "além do homem", o "super-homem", seu projeto maior. Apenas o modo como esse intelecto configura o raciocínio, e o modo como o homem se relaciona com o pensamento, historicamente, lhes parecem equivocados; através deles, o homem manteve-se apartado da experiência com a natureza, com o corpo e com sua finitude. Como se fosse possível se separar tão drasticamente daquilo que se é...

Mas desde a modernidade, e sobretudo na contemporaneidade, o desmoronamento das bases em que se estruturou o modelo de pensamento vigente pede um modelo cognitivo diverso. Mosé enxerga que o modelo platônico, que vigeu por quase três milênios, teve uma utilidade que não se pode desprezar; por meio dele – da

[7] O fato de Nietzsche realizar considerações bastante severas acerca da pouca importância do intelecto para a natureza não contraria essa afirmação.

ordenação instaurada pelo modelo platônico da divisão – ao homem foi possível estruturar a política, a lei, a vida nas primeiras cidades. Mas já não dá conta de ser útil na contemporaneidade.

O caos contemporâneo, para Mosé, fornece a brecha[8] para que homem realize – ativamente – uma real mudança, que passa por afirmar justamente os aspectos do devir historicamente negados: a "transvaloração dos valores" nietzschiana.

Retornemos ao poema "Toda palavra":

> Preciso daquilo que havia negado.
> E mesmo tendo medo de algumas palavras,
> preciso da palavra medo como preciso da palavra morte,
> que é uma palavra triste.

Mosé sugere a necessidade de afirmar aspectos até então "mal ditos" da experiência com o mundo – a morte, o medo, a dor – colocando-os lado a lado com palavras banais ("um porto, um mar, um prado, / um campo minado, um contorno. / Carrossel cavalo pente quebrado véu / mariscos muralhas manivelas navalhas").

Por meio dessas combinações – entre as coisas, objetos e conceitos admitidos pelo niilismo moderno e os afetos, sensações e intensidades por ele esvaziadas –, a poesia metalinguística de Mosé ensaia reavivar as metáforas apagadas pela ficção conceitual, corrompendo os sentidos que até então se deram para as palavras. Empreende uma busca por novos tecidos para palavras desgastadas, pelo "cheiro dos nomes que se perdeu".

Se tudo é palavra – moldura vazada –, será em redor do tema da linguagem, "escarcéu soletrado", que circularão os demais temas na poesia de Mosé.

1.2 Gente é um ser de muitas camadas[9]

> Vida é corrente sanguínea pulsando no corpo como um rio.
> E pele envolvendo tudo em contorno.
> (MOSÉ, 2006a, p. 13)

A crítica à lógica da antítese dos valores, "crença fundamental dos metafísicos" (NIETZSCHE, 2012, p. 34), ocupa papel de destaque na obra de Viviane Mosé. Seu

---

[8] SINPRO <https://www.youtube.com/watch?v=PyaHzpSMAOw>

[9] "A morte é uma forma de vida. A que desmancha. / Amor é um tipo de linha. A pontilhada. / Gente é um ser de muitas camadas" (MOSÉ, 2007, p. 77).

projeto de colaborar para o surgimento de uma nova forma de pensamento, que aceite a multiplicidade do devir, passa sobretudo pelo combate ao dualismo arraigado no modelo racional de linguagem e pela busca por uma outra lógica, que não a da diferença enquanto exclusão.

Sua filosofia combate, sobretudo, o dualismo platônico corpo/pensamento, que instituiu o modelo de pensamento hegemônico atual e que tem sido o mais eficiente instrumento da metafísica contra a diferença ao longo da história. Tal estratégia consiste em simplificar um fenômeno em dois valores únicos e hierarquicamente opostos, no qual um dos valores é elevado a um lugar de superioridade (o lugar da verdade), rejeitando seu oposto (MOSÉ, 2011b).

O Ser, abstração onde o homem colocou os valores mais ordenados e fixos por ele criados, forjou uma ideia de homem na qual são rejeitados os valores considerados opostos: os instintos, os afetos, o corpo. A negação do corpo e dos instintos, decorrência da perda da experiência com o devir, é sempre mencionada por Mosé como o motivo da angústia em que se encontra o homem de hoje. Explica a autora:

> O raciocínio não é só intelectual: o raciocínio envolve o querer e envolve o sentir; o pensamento envolve, além do aspecto cognitivo, também o querer e o sentir. Nós construímos um modelo de pensamento que se opõe aos afetos" e que se volta contra "os excessos que caracterizam os instintos"[10].

Foi o homem, e não outro ente qualquer, que polarizou razão e emoção, intelecto e instintos, pensamento e corpo, como se juntos eles nunca pudessem estar; mas não é preciso que qualquer livro nos diga que somos também instinto. Se intelecto e instintos ocupam o mesmo Ser, o que somos quando somos instintos?

Ao marcar o caráter "circunstancial" da origem dos valores – a qual se deu como resposta ao "jogo de forças temporal da história" (MOSÉ, 2011a, p. 32) – Mosé retoma a genealogia da moral nietzschiana, e, por consequência, a base para tal genealogia: a vida como "vontade de potência".

A despeito da arrogância do homem, que se toma por centro do mundo, o "efetivo" nietzschiano é somente vontades de potência em luta por dominação. Todo acontecimento é apenas resultado de um jogo de dominações, em que uma quantidade

---

[10] Palestra realizada no SINPRO/SP, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PyaHzpSMAOw>, visualizada em 17 de setembro de 2014.

de vontade impõe-se contra outra quantidade, a qual lhe oferece resistência. A quantidade de vontade de potência que consegue dominar faz jus à denominação "força", enquanto a quantidade dominada é tida por "fraqueza" – afora esse efeito posterior, não existe uma diferença qualitativa a priori entre as múltiplas vontades de potência (NIETZSCHE, 199-, p 46-47).

Sobre vontade de potência, importa recorrer aos estudos de Wolfgang Müller-Lauter (2009), pesquisador alemão da obra de Nietzsche. O autor esclarece que a luta entre as múltiplas vontades de potência dá-se "na variedade de suas gradações"; essa luta organiza o efetivo conferindo-lhe a "unidade" que vemos. Chamar atenção para o fato de que estamos diante de gradações é essencial para desautorizar os conceitos que somos obrigados a usar em explicações como essas; nesse sentido, falar em *uma* vontade contra *outra* vontade é, sabidamente, uma simplificação necessária à comunicação da ideia maior (a luta das gradações de vontades de potências). O esclarecimento de Müller-Lauter colabora para que questionemos a existência mesma de categorias definidas e apartadas como "instintos" e "intelecto".

O autor (MÜLLER-LAUTER, 2009) prossegue explicando a ideia nietzschiana. A vontade de potência busca, na verdade, resistência, e não concordância; e tanto mais forte é quanto possa suportar essa resistência, transformando-a em sua potência. Destaca, pois, um aspecto bastante relevante para a filosofia de Nietzsche – a centralidade do conflito, dos antagonismos entre as vontades de potência, na conformação de tudo que existe no mundo: "são os antagonismos que possibilitam toda agregação assim como toda desagregação". Nesse sentido, a vontade de potência dominante "deve querer a resistência do que se lhe contrapõe" (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 201).

As vontades de potência que oferecem resistência às vencedoras não são, portanto, destruídas, mas mantidas na submissão; continuam a fazer parte do processo provisório de lutas tanto quanto as vontades de potência vitoriosas. Até que o processo se altere outra vez, e novamente. Nesse sentido, é possível compreender que o limite imposto por qualquer resistência, nos processos do mundo, não se dá contra a ideia geral de expansão; pelo contrário, tudo no mundo (inclusive a resistência) anseia por expansão.

A importância do excesso, da expansão, da superação é um forte argumento

nietzschiano contra a ideia de que haja um instinto de conservação no mundo – para o filósofo, o instinto de conservação (a vontade de manutenção da vida) não passa de uma espécie da vontade de potência. A resistência que "uma" vontade opõe à outra não deseja conservar um determinado estado de coisas, mas, ao contrário, deseja apenas expandir-se; ela só constitui uma resistência quando considerada em face de outra vontade contrária[11].

Esse enfoque dado por Müller-Lauter ao processo expansão-resistência, que para Nietzsche resume a única "verdade" passível de afirmação (tudo é vontade de potência), é também um aspecto evidente na obra de Mosé:

> A vida é o excesso que se significa, se configura, se limita, em uma duração provisória. [...] Toda forma, toda simbolização, toda manifestação resulta de uma luta que tem como caráter intrínseco a expansão, o crescimento, a superação (MOSÉ, 2011a, p. 91).

Se Nietzsche dedica-se à descrição pormenorizada da vontade de potência em sua totalidade (sobretudo em sua produção madura), Mosé costuma trazer o processo para o âmbito concreto: a maneira através da qual o homem lida com o as suas contradições e com as contradições do mundo.

Muito embora, em Nietzsche e Müller-Lauter (ou suas traduções), sejam mais comuns termos como "superação" ou "expansão", em Mosé a palavra "excesso" parece ser mais oportuna, pela coloquialidade e atualidade que transmite. A opção por utilizá-la a partir desse momento justifica-se não apenas em razão da frequência com que aparece em sua poesia, mas para marcar a autonomia da filosofia de Mosé, a qual não se reduz à mera repetição da filosofia de Nietzsche.

A filosofia de Mosé, vimos, insurge-se contra o niilismo ocidental (a negação da vida em devir). Para Nietzsche, o niilismo engendrou a falsa crença de que existe um suposto instinto de conservação, enquanto a única lei que existe é a da superação, da expansão, da mudança, do devir – lei que não fixa uma verdade, mas que, ao contrário, institui a mudança como verdade.

Assim, ao passo que pretende operar uma transvaloração dos valores niilistas

---

[11] É bastante útil atentar para a simplificação contida em esquemas desse tipo, conforme explica Müller-Lauter: "É claro que o discurso da oposição entre uma vontade forte e uma vontade fraca é uma simplificação grosseira das organizações de *quanta* de vontade em suas múltiplas gradações. [...] O modo de falar simplificador de que Nietzsche ainda assim precisa se servir não exclui a possibilidade de elaborar a problemática da *décadence* e esclarecer com ela uma concretização essencial dos antagonismos que determinam sua filosofia" (MÜLLER-LAUTER, p. 135).

contemporâneos, Mosé não deixa de ter em mente a complexidade da vontade de potência, entendida como o processo expansão-resistência, sobretudo no âmbito do sujeito. Em sua poesia, a referência ao "revezamento" acontece em muitas imagens de extravazamento-contenção, excesso-limitação – mantendo-se sempre, como vimos no item anterior, a centralidade da linguagem enquanto temática:

> Como um pássaro no braço do sofá fico pasmando.
> Como um gato no tapete, um caramujo de planta, uma planta.
> (plantas sabem respirar pessoas, mas vaso de sala
> não tem este poderio)
> Mas sei também ficar em estado de bibelô, um cinzeiro inca.
> Uma mesa, sustentada em quatro pés.
>
> Quando comecei só sabia paredes.
> Pasmava em estado delas brancas.
> Ser parede branca por dentro esvazia e recomeça.
> Depois comecei a pasmar quase tudo em casa.
> E vou me renovando. Em estado de vidro.
> Em situação de porta. Entre o dentro e o fora.
> Que é pra onde o estado de casa
> Encaminha a pessoa.
>
> Já vivência de janela é perigoso.
> Ainda mais se for de andar alto.
> Inspira a pássaro.
> Aí você viu como fica, gente não tem asa
> O que gente tem mesmo é vontade.
> Em estado de guerra.
> Um campo de batalha é o ser de uma pessoa
> (MOSÉ, 2007, p. 8-9)

O poema acima integra *Pensamento chão*, último livro poético de Mosé, publicado originalmente em 2001, reunindo poemas sem título, distinguíveis apenas por espaçamentos – maiores ou menores – entre as estrofes. A ausência de títulos, o vocabulário coloquial, o ritmo da pontuação pouco erudita, a quantidade de frases nominais colaboram para a liberdade linguística na qual se sustenta toda obra: um grande poema, sem início ou fim, "moldura vazada".

Por ela, a "palavra-vespa" permite-se pasmar coisas e seres, resíduos de metáforas, para esvaziá-las; a desconstrução nominal das paredes é o primeiro passo para a renovação da linguagem, mas também do "Ser".

Ser um pássaro, um gato, um caramujo, uma planta, um vaso de planta, um bibelô, um cinzeiro, uma mesa fincada em quatro pés, antes uma parede branca – por acaso sugeriria uma hierarquia, do maior para o menor?

Aqui temos um interessante ponto de partida para pensar a questão dos excessos e limitações no discurso poético de Mosé: não podemos, no entanto, ignorar a relação dessa questão com os temas filosóficos que permeiam seus outros discursos.

É bastante interessante que, em seus livros teóricos e em palestras (muitas delas sobre educação), Mosé seja enfática em aliar sua defesa do corpo e dos instintos, presente na ideia de excessos, à imperiosa necessidade de limitação a esses excessos: "se não tivéssemos aprendido a controlar nossas paixões, não teríamos desenvolvido cultura, pensamento, linguagem, porque seríamos engolidos pelos ciclones de intensidades que nos atravessam e dominam" (MOSÉ, 2011b, p. 33). Foram os limites, portanto, que permitiram o surgimento da cultura.

Para Mosé, a natureza deu ao homem o intelecto[12], por meio do qual lhe coube criar seus próprios limites, já que não nasce submetido a leis definidas. A liberdade humana, portanto, consiste na não escravidão perante a natureza, uma vez que o homem tem um espaço de ação maior que os outros animais[13] para estabelecer suas próprias regras (os acordos para uma vida social).

Nessa concepção, o limite revela-se como uma necessidade interna: o homem limitar-se é uma condição de existência da própria cultura, da humanidade de que tanto se orgulha: "Medo é um sopro no peito em busca de definição. Humano é o nome do ser que sabe dizer não" (MOSÉ, 2007, p.16).

Cabe adiantar a cautela de Mosé em comparações entre homens e animais, ao salientar que esse espaço de ação não é nulo no animal e que há um gradativo aumento nesse espaço à medida que os animais tornam-se mais complexos:

> [...] não há uma oposição, um momento de ruptura das outras espécies em direção à espécie humana, mas uma continuidade. Os seres humanos têm uma estrutura mental mais complexa e mais aberta, que lhes permite uma indeterminação maior e um maior espaço que podemos chamar de escolha" (MOSÉ, 2011b, p. 34).

Por outro lado (ou apenas como mais uma expressão das lutas de vontades de potência, sem lados), esse espaço de ação que o homem conquista pelo intelecto (pelo

---

[12] Nietzsche, no mesmo sentido, refere-se ao intelecto como um instinto, ou seja, mais um instinto da natureza, embora peculiar ao homem: "Admitindo que nada seja 'dado' de real fora de nosso mundo interior de desejos e de paixões, e que não possamos elevar-nos nem nos baixar a nenhuma outra 'realidade' que não seja a de nossos instintos – já que o pensar não é outra coisa que a relação de vários instintos entre si [...] (NIETZSCHE, 2012, p. 50).

dizer não) nunca será ilimitado. Não ser escravo da natureza (cultura) não lhe confere a possibilidade de escravizar a natureza; a cultura, o mundo de abstrações que o homem inventa e no qual constrói seu espaço de ação, não é suficiente para retirá-lo da natureza. Os limites da natureza "externa" se impõem, também, ao homem.

Acontece que a natureza está no próprio homem: o intelecto é também natureza. Os instintos que se chocam no sujeito – e que o homem racional (o sujeito cartesiano) intenta negar a todo custo – representam a natureza mais viva que há no homem. Se a força excessiva dos instintos é uma realidade, negá-la equivale a negar a própria vida, ao passo que afirmá-la pode ser libertador.

O elogio ao excesso, que se nota na poesia de Mosé, tem o objetivo de chamar a atenção do homem contemporâneo para a necessidade de afirmar e viver os aspectos negados pelo modelo cognitivo decadente: os instintos, os afetos. Essa afirmação, no entanto, não passa por uma entrega desmedida e absoluta, a qual jamais será possível ao homem, consciente da morte. Nesse sentido, os limites impostos aos instintos humanos funcionam como a resistência necessária a qualquer vontade de potência.

Não há, portanto, chance de um retorno a um estado anterior de animalidade. "Gente não tem asa", gente necessita lidar com a vontade dentro do seu espaço de ação, sem ser escravo da natureza. Canalizar a vontade para realizar uma cultura melhor, menos excludente, menos resistente ao diferente, à mudança, à morte. Uma cultura que aceite melhor sua própria natureza.

O poema citado, ao ordenar os objetos e organismos em uma possível gradação de complexidade biológica suscita divagações. Podemos compreender essa gradação – da parede vazia ao pássaro (ou ao homem, pássaro sem asa?) – pelo viés do aumento da liberdade entendida como não escravidão à natureza: no sentido de que uma mesa sustentada em quatro pés ou uma planta submete-se às leis da natureza mais do que um pássaro, e este mais do que o homem.

Mas o "Ser pássaro" exercita outra liberdade que ao homem pode representar um perigo fatal. Aqui, a hierarquia se quebra e o organismo mais assemelhado ao homem (no aspecto volitivo) torna-se o símbolo maior de sua falta: a impossibilidade de atender "plenamente" aos instintos. "Vivência de janela" deve ser pasmada com muita cautela.

Podemos ainda imaginar o "Ser mesa" como a afirmação da vontade de potência em outro âmbito, diverso do instintivo ou mesmo do orgânico. Nietzsche afirma que

todos esses âmbitos estão dentro da mesma totalidade; a vida (orgânica) é apenas um caso particular da "vontade de potência"[14]. Qual seria esse outro âmbito onde também podemos colocar nosso ser? O local seguro "sustentado em quatro pés" onde costumamos pensar o intelecto? Mesa sustentada em quatro pés é coisa que gente bem sabe ser.

A poesia permite acessar esses (e outros) "âmbitos". Adquire o gosto de tarefa, na qual o sujeito fragmentado contemporâneo vai aprendendo a pasmar outros cantos, e assumir-se "em situação de porta", "entre o dentro e o fora". A poesia é, portanto, o local onde a luta entre excessos e limites se conforma, e o homem se transforma – sem conservação.

Entender a luta entre vontades de potência (expansão-resistência) no "campo de batalha" que é o homem revela-se sobremaneira complexo, pois é necessário compreender e questionar alguns conceitos e valores com os quais estamos habituados. A tarefa agrava-se se tomarmos a vontade de potência como uma totalidade. Segue a tentativa de entender a relação entre excessos-limitações na poesia de Mosé.

1.3 E a insuportável casca cobrindo um corpo líquido[15]

> Ando com um balde de água
> Embaixo de cada olho
> Preciso ir bem devagar
> Senão derrama
> (MOSÉ, 2007, p. 67)

Se acabamos por centrar a discussão acima na questão dos limites, chama atenção a frequência das imagens de "excesso" na poesia de Mosé. Essa recorrência não negligencia a necessidade de limitação aos excessos (como já analisamos); tem função afirmativa e revela o caminho trilhado pelo discurso de Mosé, que atribui à negação do devir a causa da angústia pela qual passa o homem contemporâneo, sobretudo após a

---

[14] "É muito natural que a força de 'vontade' só possa proceder sobre outras 'vontades', e não sobre a 'matéria' (por exemplo, sobre os 'nervos'); numa palavra, é necessário ter a coragem de enfrentar a hipótese de que, onde quer que haja 'efeitos', trata-se de uma vontade que obra sobre outra vontade, senão toda ação mecânica até onde nela atua uma força, é um efeito da vontade" (NIETZSCHE, 2012, p. 51).

[15] "Sempre tive ternura por lesmas aranhas cobras e lagartas. / Chego a ter carinho por lagartixas minhocas vespas / Mariposas e mosquitos. Das moscas eu não gosto / Mas não desprezo. Mas baratas / Com suas pernas espinhentas molhadas pegajosas / E a insuportável casca cobrindo um corpo líquido. / São o nojo configurado em vida. Um pus que anda e voa. / E caminhas pelas coisas. Baratas me fazem duvidar do meu / Amor pela vida" (MOSÉ, 2007, p. 73).

dissipação de muitas das bases que garantiram no passado a crença na identidade. E afirmar devir é afirmar excesso.

A negação do devir deu-se através de um modelo de linguagem que inventou valores superiores e inferiores, para excluir os últimos. Quando, no entanto, o homem contemporâneo confronta a ideia do que deveria ser (um sujeito uno e ordenado, sem contradições) com o caos que ele de fato é, a não identificação faz desabar o modelo (MOSÉ, 2011b).

Mosé retoma a crítica da moral, de Nietzsche, justamente para identificar quais os valores rebaixados historicamente pelo modelo causal, linear de pensamento; "raciocinamos de forma restrita, rasteira, a partir de uma linha, um fio que deve ser eternamente seguido" (MOSÉ, 2011b, p. 162). Essa forma de pensamento ignora que a razão não se realiza sem a experiência, sem o desejo, sem os sentidos.

Nesse aspecto, ressurgem as faculdades do espírito, de Kant: as relações do homem com o mundo passam pelo conhecer, pelo querer e pelo sentir. Mosé volta a Kant e a Schiller para afirmar que o sentir (a estética, a arte) faz a ponte entre o querer e o conhecer: "o senso estético existe para reunir o que a razão teve que separar" (MOSÉ, 2011b, p. 148). Outra vez, o privilégio da arte, aliada ao recurso afirmativo de Nietzsche, a "fórmula da máxima afirmação",

> [...] nascida da plenitude, da super-abundância, um dizer sim sem reserva, até mesmo ao sofrimento, à própria culpa, a tudo o que é problemático e estranho na existência... Este sim derradeiro, entusiasta, exuberante e folgazão à vida não é só o mais excelso discernimento, é também o discernimento mais profundo, o mais rigorosamente confirmado e sustentado pela verdade e pela ciência (NIETZSCHE, 2008, p. 54, grifo nosso).

A "fórmula da máxima afirmação" justifica-se, desse modo, como uma reação ao niilismo, o contramovimento necessário à decadência do homem moderno e contemporâneo. A reação à apatia contemporânea perante a experiência com o devir coloca, no discurso de Mosé, a marca da apologia ao excesso. Um retorno do homem aos instintos, ao corpo, do qual nunca deveria haver se afastado.

Embora o processo excesso-limitação seja a todo tempo contemplado em sua poesia, o foco parece ser colocado sobre o primeiro aspecto; em entrevistas e palestras há o elogio à intensidade de vida, aos excessos, à afirmação dos instintos. As imagens de excesso são, geralmente, o gatilho de seus poemas, enquanto a limitação aparece

como uma espécie de mal necessário: enquanto as coisas por si só “derramam”, a contenção é um “exercício”:

> Na verdade sofro de excessos. Que me dão certo vocabulário.
> Como derramar. Escorrer. Atravessar.
> Tenho a impressão de que tudo vaza. Em sobras.
> Tenho dificuldade em caber
> (MOSÉ, 2007, p. 26).

O não cabimento no mundo contemporâneo é de onde brotam os derramamentos de sua poesia. Incontáveis são as imagens de devir em liquidez, ressignificando a tradicional metáfora do rio: mar, lágrima, sangue, derramamento, vazamento, escorrimento extravazam as sobras.

“Ter dificuldade de caber”, no entanto, pressupõe a necessidade de caber; a própria ideia de derramamento, vazamento só se justifica a partir da ideia de limites; e essa ideia está latente na poesia de Mosé, subjacente ao colorido gritante das imagens de excesso.

Essa maneira de colocar o limite subliminar ao excesso me parece uma tática interessante. Se pensarmos o pensamento humano de acordo com a complexidade defendida por Mosé e por Nietzsche, ou seja, como mais um instinto, um produto da natureza, ele, assim como tudo, também integra a vontade de potência. Nesse sentido, fatalmente participa do conflito.

Esse conflito, no entanto, não se dá da maneira estanque que costumamos pensar (a qual inclusive teve de ocorrer em alguns momentos aqui). A noção de que há um intelecto humano que se opõe (limita) uns tais instintos (os excessos) não se dá dessa forma. O pensar não é diverso do sentir, senão na nossa necessidade de simplificar para comunicar. E é a partir dessa simplificação imperiosa que, no projeto nietzschiano “transvaloração dos valores”, os instintos viram sinônimos de afirmação e que o pensamento vira sinônimo de negação da vida.

Tanto Nietzsche quanto Mosé reconhecem os perigos dessas simplificações e suas obras não se encerram nelas; ao contrário, empreendem uma tentativa constante de não se fixar nos conceitos que necessitam utilizar. Mas suas presenças no conhecimento encantam justamente pela recusa ao domínio da relativização e da abstração na filosofia; optam por tomar partido.

O posicionamento frente ao que consideram o problema do mundo (o niilismo)

tem um critério: “transvalorar os valores” que hoje são considerados superiores. E aqui faz todo sentido que as simplificações “corpo”, “instintos” e “excessos” sejam elevados ao lugar antes intocável do “pensamento”, do “intelecto” e dos “limites”. O questionamento a esses conceitos, enquanto categorias estanques e bem delimitadas, no entanto, deve estar sempre presente nesse processo.

A relação entre imagens de excessos e limites, na poesia de Mosé, ajuda a lembrar que a questão maior não está em fixar essas categorias (pensar e sentir, intelecto e instinto); ainda que seja necessário usá-las para reconsiderar os valores de hoje.

Muito me agrada a ideia de buscar um “limite extremo da afirmação”, cunhada por Nietzsche (2008, p. 53): afirmar a vida que temos negado pelo medo da morte, até o limite possível. Afirmar o máximo de coisas possível.

> Queria escrever todas as plantas e pessoas, todos os rios
> Os muros, as cores, os homens.
> As senhoras de idade, as caixas do correio, os espanhóis.
> Os olhos e as ruas, os tamanhos e larguras, as alturas.
> As pernas, os falos, os pêlos, os pulsos.
>
> Queria escrever o ritmo das pedras, das estradas calçadas.
> Das margaridas. Escrever o que manda e o que obedece.
> O que cresce e o que padece de amparo. O que afunda,
> O que eclode. Escrever o que não sabe e o que não cabe
> Em lugar nenhum.
>
> E viver a escrita das coisas. Não as coisas
> Que não me cabem. Coisas e pessoas não me cabem
> E sem cabimento me atravessam.
> Pessoas passam depressa demais entre meus poros. E vão.
> Eu tenho uma imagem presa na garganta.
> Ser gente me arranha. Quero voltar a ser palavra
> (MOSÉ, 2007, p. 42-43).

O poema acima, também integrante de *Pensamento chão* (2007), mais do que *expressa*, *realiza* o desejo de nomear o devir: o que cresce, eclode, afunda; nomear o que não cabe no mundo. Outra vez, a palavra dando conta do excesso do mundo.

As imagens criadas pela enumeração exaustiva de coisas e movimentos traduzem a sensação de excesso. O uso de vocábulos concretos, aparentemente banais, transmite a ideia de acúmulo físico, em contraposição à abstração dos “valores”, que sequer foram citados (querer escrever os “espanhóis” e as “caixas de correio”, não o bem, o mal, o amor). Mesmo os movimentos são palpáveis: “mandar”, “obedecer”,

“crescer”, “padecer”, “afundar”, “eclodir”, “caber” – aliás, “não caber” é o movimento palpável.

A limitação subjacente reside na própria escrita do poema: o desejo de escrever sobre o devir é satisfeito (ou contido) pela escrita do desejo. Afora isso, no poema, prevalece o excesso, ainda que seja a angústia do excesso. A limitação incide quando o homem não dá conta do movimento que o atravessa; quando “ser gente” o arranha. “Ser gente” diante do devir é a delicada tarefa para a qual nunca estaremos totalmente preparados, senão pelo retorno à palavra.

O retorno à palavra poética é o limite que canaliza produtivamente os excessos, os instintos, os desejos e também os pensamentos; é a ordenação da contradição entre eles. Mas é, prioritariamente, a maneira possível de afirmá-los.

Ao atravessar o limite provisório da palavra, a imagem que salta são “pernas”, “falos”, “pêlos”, “pulsos” – a presença incômoda do corpo negado pela racionalidade ocidental. Enquanto isso, a palavra segue sendo a “moldura vazada” por onde a vida passa, e não o conceito onde uma ideia se fixa.

Mosé parece querer escrever um homem que desarrume a ideia de que há um “Ser” que consiste apenas em um “pensar”, e que esse “pensar” opõe-se ao “sentir”. O pensar necessita da experiência, que o homem chama de corpo, de instinto, de prazer, de natureza, de chão. A “palavra-vespa” deseja um “pensamento chão”.

Referências

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.

MOSÉ, V. **Desato**. São Paulo: Record, 2006a.

_____. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

_____. **O homem que sabe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

_____. **Pensamento chão**: poemas em prosa e verso. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. Apresentação: Stela do patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. In: PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**: Stela do Patrocínio. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001. p. 19-43.

_____. **Toda palavra**. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução de Márcio Pugliesi, Édson Bini e Norberto de Paula Lima. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

_____. **A genealogia da moral**. Tradução de A. A. Rocha. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-].

_____. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ecce Homo**: como se chega a ser o que se é. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Lusosofia, 2008. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_ecce_homo.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2014.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Escritos sobre história**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.

_____. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014.